

Caleidoscópio contábil

Uma abordagem construtivista acerca da versatilidade do processo educacional

Ranylson de Sá Barreto Neto*



Este trabalho propõe reflexões teóricas relativas às contribuições da utilização de recursos lúdicos e metafóricos nas abordagens educacionais no ensino superior de Ciências Contábeis. Estas considerações serão fundamentadas mediante as possíveis contribuições da abordagem Construtivista (interacionista e sociointeracionista) baseadas nos estudos e pesquisas de Piaget (1) e Vygotsky (2). Por intermédio de revisão bibliográfica, o trabalho chama atenção para a necessidade da inovação dos meios utilizados como ferramental no suporte ao ensino, baseado em utilização de técnicas que despertem o educando para a importância da Contabilidade enquanto ciência. Finalmente convida a reflexões fundamentais para o Desenvolvimento de Habilidades e Competências como códigos marcantes da modernidade, por entender que estas são indispensáveis para a formação dos educandos e, portanto, devem ser fortemente incentivadas pelos educadores.

Mirei, vi com meus olhos? Distintas figuras e estrelas, safiras, rubis, topázios. E esmeraldas, e diamantes, e ametistas, e pedras e enquanto a mão eu movo, meus olhos vêem algo novo. (IZMAILOV, 1818)

O caleidoscópio, segundo nos explica Izmailov (1818), é uma palavra de origem grega que significa 'olhar o belo' (*kalos* = belo, *eidos* = imagem e *scapeo* = vejo). Nasceu na Inglaterra no início do século XIX. Instrumento de ótica para uns, brinquedo para outros ou mesmo fonte de inspiração, é formado por um tubo cilíndrico cujo fundo é de vidro opaco e em seu interior são postos fragmentos de vidro colorido e pequenos espelhos. Colocado diante da luz e observando-se no interior do tubo, fazendo-o ralar lentamente, assiste-se a um espetáculo em que os pequenos vidros coloridos com os reflexos dos espelhos multiplicam-se e, mudando de posição a cada movimento da mão, dão lugar a numerosos desenhos simétricos e sempre diferentes.

As considerações aludem a aspectos relevantes no tocante à versatilidade exigida dos docentes no contexto da educação superior de Ciências Contábeis; tal qual no caleidoscópio, é necessário lançar um olhar sobre as especificidades dos discentes e estes, por sua vez, neces-

sitam de abordagens diferenciadas de ensino, objetivando sua autonomia e independência intelectual.

Não obstante os desafios da arte de ensinar, este trabalho pretende esplanar sobre a psicogênese dos conhecimentos contábeis e sua significação epistemológica relativa ao ensino superior.

Considerações relativas à Pedagogia

Conforme nos explica Haidt (2001), muita confusão se faz em relação à terminologia Pedagogia. Antes de resgatarmos o verdadeiro sentido da palavra, é necessário desfazer alguns equívocos que são cometidos em relação a três termos erroneamente empregados: Educação, Didática e Filosofia Educacional.

O termo Educação consiste no ato de educar propriamente dito. É o momento em que ocorre a relação ensino-aprendizagem, nordeada por uma aplicação teórica em que educador e educando interagem em um ambiente educacional formal ou informal. Este processo é único e ainda que o mesmo educador e o mesmo educando se reencontrassem, em um outro momento, no mesmo ambiente educacional, para resgatarem a mesma temática, o processo não seria o mesmo. Heráclito(3) já nos afirmava que

um homem não pode entrar duas vezes no mesmo rio, porque, na segunda vez, o rio já não será mais o mesmo e o homem também não.

A terminologia 'didática' faz referência a um saber técnico, que consiste em promover uma melhor interação entre os meios pois possibilita ao seu detentor a possibilidade de escolher o melhor. A 'didática', portanto, potencializa a Educação.

A 'didática' depende muito do que se convencionou chamar de Pedagogia, que é, em última análise, um conjunto de normas, regras e métodos. A pedagogia envolve muito mais que simples conhecimentos relativos à educação.

A pedagogia tem suas raízes na Grécia antiga, onde o Pedagogo era o escravo que levava a criança para o local onde se dava a relação ensino-aprendizagem; muito longe de ser um instrutor era, em verdade, um condutor, o ser responsável pela tutela da conduta moral e intelectual do estudante.

Não queremos, com estas considerações iniciais, passar a idéia de que ao professor basta a didática, como condição imprescindível para o sucesso no processo ensino-aprendizagem. É necessária uma atuação mais ampla, haja vista que educadores possuem aptidões diferentes. Enquanto uns possuem habilidades mais conceituais, outros mostram-se mais confortáveis no campo das aplicações práticas. O mais importante é compreender que os termos Pedagogia, Didática e Educação não têm a mesma significação, mas estão intrinsecamente relacionados.

A sinergia entre estes pilares é o que se chama de Filosofia Educacional, que aponta para um tipo de saber amplo, estabelece valores e os legitima por meio de justificações. A harmonia entre eles deriva da capacidade de desenvolvermos políticas e ações educacionais que cultivem pedagogos e não professores.

Quem sabe não está na hora de resgatar a antiga Grécia?

O Construtivismo: abordagens relativas aos modelos clássicos

Antes de iniciarmos nossas considerações sobre a abordagem construtivista e as contribuições que esta pode oferecer ao ensino de Ciências Contábeis, convém analisarmos a teoria do Behaviorismo (Condutivismo) que precedeu ao Construtivismo.

Behaviorismo ou Condutivismo – Pozo (1998) chama a atenção para as idéias do professor B. F. Skinner que acreditava que o processo de aprendizagem era fruto de memorizações sucessivas que se davam por intermédio de repetições. Este modelo se consolida em 1930 e dele derivam idéias de que o aluno é 'treinado' na mesma proporção em que é induzido de maneira sistematizada e de forma específica. A arte de ensinar fica restrita ao mero ato de transmitir conhecimento.

O professor de Harvard materializa sua teoria em uma 'máquina' de ensinar em que o objeto a ser estudado era disposto modularmente e, ao seu final, o educando respondia a uma questão que, se respondida corretamente, dava-lhe acesso ao módulo seguinte. Em caso de resposta incorreta, a 'máquina' apresentava a resposta correta, podendo sugerir ao educando rever o texto que tratava do assunto. (SKINNER, 1953).

Ao final dos anos 50, este modelo estava sendo usado em larga escala pelas escolas ocidentais, contudo a utilização do modelo behaviorista começou a entrar em declínio, em função de não mais refletir a visão da maioria dos educadores da época sobre o assunto.

Surgem, então, as primeiras considerações sobre o modelo psicológico-cognitivo, em que o processamento da informação seria o paradigma dominante. Surge no período entre guerras e tem como principais defensores Jean Piaget e L. S. Vygotsky, sendo subdividido, oportu-

mente, em Construtivismo-interacionista e Sociointeracionista.

Construtivismo Sociointeracionista – O psicólogo russo Vygotsky acreditava que o mais importante no processo educacional era a interação entre indivíduos e do indivíduo com o meio externo, tratando o conhecimento como o produto que o indivíduo é capaz de conceber a partir da interação com coisas (livros e apostilas) e pessoas (educadores e outros educandos), que acabava por completar as idéias de Piaget. Desta forma Vygotsky acreditava que o educando é parte de um grupo social e deve com este interagir questionando e descobrindo.

Construtivismo-interacionista – Complementando as idéias de Vygotsky, Piaget defendia que o educando aprendia através de sua percepção pessoal, construindo e atribuindo significados às coisas. Afirmava que "[...] a forma como uma pessoa representa o mundo - as estruturas mentais internas ou esquemas - muda sistematicamente com o desenvolvimento." (PIAGET, 1978). Veja a Tabela 1.

Charney (1996) pormenoriza a análise dos modelos behaviorista e construtivista facultando-nos uma melhor compreensão no sentido de fomentar uma análise mais detalhada do processo educacional, conforme a Tabela 2.

Piaget (1980) esclarece que o modelo construtivista alude a idéia de que o conhecimento - o saber utilizável - é fruto de uma elaboração pessoal, resultante do processo de interação do indivíduo com o meio no qual está inserido. Trata-se, portanto, de um processo intansferível, que não pode ser, como as demais teorias propõem, mero processo de absorção.

É verdade que os processos normativo e ativo são os mais amplamente empregados no ensino superior de Ciências Contábeis, em que o tradicionalismo dos paradigmas estabe-

TABELA 1 – Quadro sinótico das teorias do aprendizado

	BEHAVIORISTA	CONSTRUTIVISTA-INTERACIONISTA	CONSTRUTIVISTA-SOCIOINTERACIONISTA
Relação aluno-professor	O aluno é conduzido pelo professor que dita a velocidade e forma de construção do conhecimento pretendido.	O professor estimula o aluno a construir seu conhecimento de forma independente, a partir de suas descobertas pessoais.	O professor é um mediador do processo de construção do conhecimento que se dá por meio de interações sociais.
Relação aluno-aluno	Ausente	Timida	O aluno é parte de um contexto social e deve ter iniciativa para questionar, descobrir e compreender a partir de interações com os demais.
Relação aluno-objeto do conhecimento a ser aprendido	O conhecimento é disponibilizado de forma metódica e em seqüência ao aluno.	O aluno constrói seu conhecimento a partir de suas próprias percepções oriundas das interações com o objeto.	O aluno é capaz de interagir com os objetos (amplificadores culturais) e modificá-los construindo assim seu conhecimento.

Fonte: adaptação do autor.

TABELA 2 – Quadro sinótico dos modelos educacionais

MODELO	DESCRIÇÃO	EXEMPLO
Normativo	Baseado no conteúdo e relaciona o saber dos alunos ao processo de transmissão do conhecimento.	O professor mostra as noções e fornece exemplos. O aluno aprende e escuta, em seguida treina mediante leitura de exercícios. Findas estas fases, o saber já está construído.
Ativo	Baseado no aluno e relaciona o saber com os interesses, motivações e o meio que o rodeia como veículo de condução do processo de construção do conhecimento.	O professor escuta o aluno, aguçando sua curiosidade, propondo fontes de informação e respondendo às suas indagações. O aluno organiza as informações, estuda e aprende. O saber está ligado às necessidades do ambiente no qual está inserido.
Construtivista	Baseado na produção do saber pelo aluno, considera as experiências progressivas e coloca-as à prova para modificá-las ou construir novas.	O professor propõe e organiza situações com obstáculos variados, pormenorizando fases de investigação. No momento adequado da aula, sugere elementos convencionais do saber (noções e terminologia). O aluno busca soluções e as confronta com as de seus colegas, defende-as e são feitas discussões e debates. O saber é considerado dentro da lógica do próprio saber.

Fonte: adaptação do autor.

lecidos agrilhoam professores e alunos em verdadeiras algemas castradoras do processo de aprendizagem.

Aspectos Práticos – Objetivando uma melhor compreensão dos modelos mencionados, serão propostas aplicações práticas das diversas abordagens metodológicas, baseadas nos modelos anteriormente comentados.

Modelo **NORMATIVO**

– *O professor vai ao quadro e escreve, de forma bastante simplificada: O Ativo Circulante compreende as disponibilidades de numerário, os recursos a receber, as antecipações de despesa, bem como outros bens e direitos pendentes ou em circulação, realizáveis até o término do exercício seguinte.*

– *Depois começa a dar exemplos:*

Exemplo: Bancos Conta Movimento e Caixa.

– *Pede a participação da turma:*

Quem pode citar mais exemplos?

– *Silêncio mortal... e prossegue dizendo, como se nada tivesse acontecido e como se todas tivessem entendido perfeitamente sua explicação: Agora vamos praticar para ver quem entendeu.*

– *Vai para o quadro e escreve o primeiro exercício. Exercício 1 - Assinale as contas que fazem parte do Ativo Circulante: () Caixa; () Depreciação Acumulada; () Aplicações Financeiras; () Veículos; () Todas as anteriores.*

– *Pede, mais uma vez, a participação dos alunos nas respostas e, novamente, silêncio mortal...*

– *E, finalmente, fala: Agora vamos ver quem vai dar a resposta correta ao próximo exercício...*

E assim a aula prossegue e uma série de listas de exercícios se sucederão, conteúdo após conteúdo, semestre após semestre... Sabidamente, o professor fictício não poderia ser chamado de perverso. É dedicado, gosta de lecionar e espera a interação dos alunos mas, claramente, é um legítimo representante do Modelo Normativo.

Em decorrência destas considerações, podemos questionar a utilidade do Modelo Normativo. Boa parte dos profissionais de Contabilidade foram formados com base neste modelo e estão exercendo dignamente sua profissão. Não questionamos o aprendizado pelo aprendizado, a grande crítica que se faz a este modelo é o desconhecimento de como se produz o conhecimento e a crença de que o simples ato de transmitir informações possa produzir conhecimentos, como no exemplo dado.

O que ocorre no modelo em questão é um erro de estratégia em que os recursos de ensino do professor ficam restritos ao campo da didática e da pedagogia, ignorando os aspectos cognitivos e epistemológicos.

Modelo ATIVO

O conceito de Ativo Circulante pode ser ensinado com base em exemplos do cotidiano, em que o professor alude sobre as finanças pessoais relacionando as disponibilidades da entidade com nossa conta corrente (Conta Bancos Movimento) ou com o dinheiro disponível em nossa carteira (Caixa). Entretanto, a abstração dos exemplos pode prejudicar as aplicações empresariais clássicas, incorrendo em uma visão simplista. Importante observarmos que este modelo já contempla um algo a mais, além da transmissão da informação.

Modelo CONSTRUTIVISTA

O professor iniciou a aula distribuindo objetos entre os alunos (carinhos, casas, aviões, trens, frutas, calculadoras, etc.). Dividiu a turma em grupos e entregou a eles uma folha determinando quanto cada grupo possuía de 'dinheiro' e 'cheque' para negociar compras e vendas com os outros grupos. Deixou que os grupos 'brincassem' durante algum tempo e depois promoveu um debate.

Perguntou a cada grupo quais foram as dificuldades em vender as mercadorias. Os grupos colocaram que determina-

das mercadorias eram mais facilmente negociadas que outras e, com base nas colocações, foi explicando os conceitos de conversibilidade e disponibilidade, exemplificando, entre os objetos distribuídos, quais poderiam ser classificados no Ativo Circulante.

Neste caso, o professor introduziu uma série de situações com diferentes obstáculos, organizando as diferentes fases de investigação, formulação, validação e institucionalização, bem como preparação da atividade. Organizou a comunicação da aula; na medida em que dividiu os alunos em grupo, atendeu individualmente cada grupo e depois discutiu com a turma toda. Propôs no momento adequado os elementos convencionais do saber (notações e terminologia); durante a discussão do grande grupo, ia anotando no quadro as respostas e introduzindo algumas notações e terminologias.

O saber é considerado dentro de sua própria lógica, traduzindo a atividade em aspectos puramente contábeis, contudo sem o tradicionalismo metodológico dos modelos normativo e ativo.

O modelo Construtivista leva o aluno a 'construir' seu conhecimento, a produzir e não a reproduzir situações. As discussões e contribuições de cada aluno não podem ser encontradas nos melhores livros de Contabilidade. Um grupo apresentou argumentos e os defendeu, os outros tentaram destruí-los com contra-argumentos.

Competências e Habilidades: os códigos da modernidade Pedagógico-contábil

O modelo construtivista permite a absorção de conhecimentos correlatos e complementares à Contabilidade, na medida em que mobiliza o intelecto do indivíduo em que a este é permitido não só construir conhecimentos específicos mas também a fixação de estratégias in-

**O modelo
Construtivista
leva o aluno a
'construir' seu
conhecimento, a
produzir e não a
reproduzir
situações.**

telectuais que se traduzem sob a forma de competências e habilidades, os chamados códigos da modernidade, em conformidade com as idéias de Toro. (1997).

Domínio da leitura e da escrita – Para se viver e trabalhar na sociedade altamente urbanizada e tecnificada do século XXI, será necessário um domínio cada vez maior da leitura e da escrita. Os educandos terão de saber comunicar-se usando palavras, números e imagens.

Por isso, os melhores professores, as melhores salas de aula e os melhores recursos técnicos devem estar disponíveis em todos os períodos do curso. Ler e escrever deixa de ser um hábito e passa a ser uma questão de sobrevivência para o futuro profissional de Ciências Contábeis.

Habilidade em resolver problemas e não em fazer cálculos – Na vida diária e no trabalho é fundamental saber resolver problemas. Calcular é fazer contas e isto a tecnologia resolve com muita facilidade. Resolver problemas é tomar decisões fundamentadas em todos os domínios da existência humana.

Na vida social é necessário dar solução positiva aos problemas e às crises. Uma solução é positiva quando produz o bem de todos.

Raciocínio analítico, sintético e interpretativo dos dados, fatos e situações – Na sociedade moderna é funda-

mental a capacidade de descrever, analisar e comparar, para que a pessoa possa expor o próprio pensamento, oralmente ou por escrito. Para o contador, saber esquematizar seus pensamentos e convicções deve fazer parte de sua rotina diária.

Para serem produtivos no trabalho e na vida, os alunos deverão aprender a expressar-se com precisão, oralmente e por escrito, sendo incentivados desde os períodos iniciais de seus estudos.

Visibilidade do entorno social – A construção de uma sociedade democrática e produtiva requer que os educandos recebam informação e formação que lhes permitam atuar como cidadãos. Ser cidadão é ser capaz de converter problemas em oportunidades. A construção de uma sociedade democrática e produtiva requer que os alunos recebam informação e formação que lhes permitam organizar-se para defender seus interesses e solucionar problemas por meio do diálogo e da negociação, respeitando as regras, leis e normas estabelecidas, respeitando a diversidade e as diferenças, sem jamais confundir unidade com uniformidade.

Atuar para fazer do Brasil um estado social de direito, isto é, trabalhar para fazer possíveis, para todos, os direitos humanos. Cabe ao professor desenvolver a consciência social do contador.

Interação crítica com meios de comunicação – Um receptor crítico dos meios de comunicação (Internet, cinema, televisão, rádios, jornais, revistas) é alguém que não se deixa manipular como pessoa, como consumidor, como cidadão.

Aprender a entender os meios de comunicação nos permite usá-los para nos comunicarmos à distância, para obtermos educação básica e profissional, articularmo-nos em nível planetário e para conhecermos outros modelos de convivência e produtividade.

Os meios de comunicação não são

passatempos. Eles produzem e reproduzem novos saberes, éticas e estilos de vida. Ignorá-los é viver de costas para o espírito do tempo em que nos foi dado viver.

Interação e gerenciamento da informação acumulada – Num futuro bem próximo, será impossível ingressar no mercado de trabalho sem saber localizar dados, pessoas, experiências e, principalmente, sem saber como usar essas informações para resolver problemas. Será necessário, rotineiramente, consultar bibliotecas, videotecas, centros de informação e documentação, museus, publicações especializadas e redes eletrônicas. Descrever, sistematizar e difundir conhecimentos será fundamental.

Planejamento, trabalho e tomada de decisão em grupo – Saber associar-se, saber trabalhar e produzir em equipe, saber coordenar são saberes estratégicos para a produtividade e fundamentais para o desempenho da função de contador.

A capacidade de trabalhar, planejar e decidir em grupo se forma cotidianamente por meio de um modelo de ensino-aprendizagem autônomo e cooperativo (Educação Personalizada em Grupo).

Por esse método, o contador aprende a organizar grupos de trabalho, negociar com seus colegas para selecionar metas de aprendizagem, selecionar estratégias e métodos para alcançá-las, obter informações necessárias para solucionar problemas, definir níveis de desempenho desejados e expor e defender seus trabalhos.

Recursos metafóricos: (Trans)formando o professor construtivista

Em conformidade com as idéias de Queiroz (2000), partimos do pressuposto de que os recursos metafóricos são

um ingrediente fundamental no processo de aprendizagem. A analogia facultada ao indivíduo integrar-se de forma cognitiva e, nessa perspectiva, as analogias e metáforas são hábeis ferramentas do pensamento humano.

Nesta direção torna-se fundamental considerarmos a relevância do papel da abstração das idéias na produção do raciocínio imaginativo, a partir do qual se estabelecem processos de aprendizado teóricos, práticos e concretos.

A rigidez da imagem tecnicista, normalmente utilizada na administração do conhecimento contabilístico, deve abrir espaço e ser permeada por considerações do raciocínio analógico. Para Queiroz (2000b), a partir de Thomas Kuhn em *A Estrutura das Revoluções Científicas* (KUHN, 1977 apud QUEIROZ, 2000), técnicas de ensino com abordagens analógicas e metafóricas devem ser utilizadas de forma complementar à técnica racional do ensino.

As considerações realizadas pelos autores anteriormente mencionados sugerem-nos que alternativas lúdicas (analogias e metáforas) podem e devem ser utilizadas pelos educadores nos cursos de Ciências Contábeis de forma a despertar e fixar conteúdos. Desta maneira serão sugeridas algumas dinâmicas de ensino levando-se em consideração os recursos lúdicos.

Jogos Vivenciais: o casamento entre teoria e prática – De acordo com as considerações feitas anteriormente, reforçamos a idéia de que os recursos ora propostos são meros instrumentos complementares ao ensino superior de Ciências Contábeis e, desse modo, as abordagens educacionais não podem e não devem limitar-se somente à utilização de recursos lúdicos.

Rocha (1997) nos esclarece que a adoção de jogos vivenciais no ambiente educacional potencializa o exercício do raciocínio e da intelectualidade, componentes indispensáveis a qualquer

profissional. Tais jogos devem ser capazes de explorar a competitividade, estimulando o educando a utilizar o ferramental a sua disposição para vencer o 'combate' proposto para fixação de conteúdo específico. Para atingir resultados positivos, a utilização de jogos vivenciais deve considerar os seguintes aspectos:

- a) ambiente de aprendizado de grande estímulo emocional;
- b) respostas imediatas a estímulos propostos;
- c) visão holística em função de abordagem ampla do objeto estudado;
- d) abordagem competitiva e não conflituosa, estimulando o 'participar' e não o 'derrotar'.

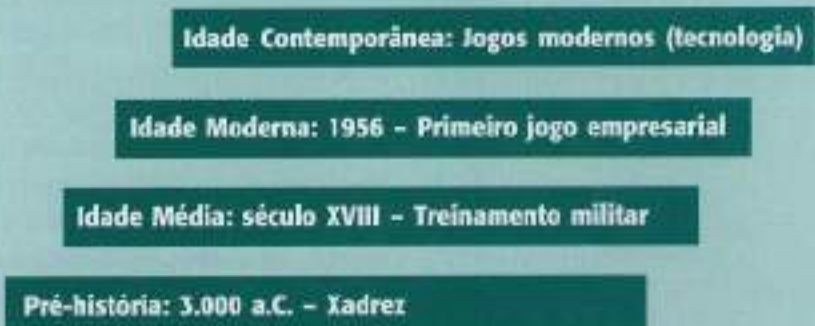
Evolução Histórica

Segundo Serra (1998), a origem da teoria dos jogos alude a 3.000 a.C., em que o popular jogo de xadrez teria sua origem em simulações de treinamento do exército da China. No século XVIII, a guerra recebe aportes científicos e os 'jogos de guerra' são definitivamente incorporados ao treinamento militar, sendo oportunamente adaptados ao ambiente empresarial e educacional.

A era moderna dos jogos de empresa ocorre por volta de 1956 nos Estados Unidos com o jogo *Top Management Simulation*, desenvolvido pela AMA - American Management Association. Surgiu então a idéia de produzir (ou reproduzir) ambientes que fossem capazes de simular - de forma mais realista possível - os cenários empresariais em que o educando poderia simular diversas decisões, avaliando previamente seus resultados e aprendendo com o resultado de determinada ação.

Com o desenvolvimento da tecnologia da informação e a democratização do computador, foi possível a produção de jogos cada vez mais complexos e realistas, permitindo um processamento dinâmico dos dados e, conseqüentemente, um maior número de simulações e variações.

FIGURA 1 - Evolução histórica dos jogos vivenciais



Fonte: adaptação do autor

Conceituação

Os jogos de empresa são, na verdade, simulações do ambiente empresarial e, portanto, trata-se de exercícios de tomada de decisão em torno de um modelo com regras estabelecidas, no qual os jogadores representam funções em uma empresa fictícia. Podem ainda ser entendidos como sendo modelos específicos de simulação em que é possível a manipulação de conceitos representativos da realidade empresarial.

As idéias de Mecheln (1997) corroboram a preocupação em utilizar os recursos lúdicos, por serem excelente método de ensino, possibilitando o estudo de considerável número de assuntos em reduzida carga horária.

Classificação e Funcionamento

De acordo com o conteúdo a ser estudado, os jogos de empresa podem ser entendidos como Gerenciais (voltados mais para o desenvolvimento de percepções dos níveis estratégico e tático) ou Funcionais (voltados para o nível mais operacional). Os jogos Gerenciais direcionam ações focadas em tomadas de decisão e/ou medidas que possibilitem o cumprimento de metas e objetivos delineados. Os jogos ditos Funcionais preocupam-se em estimular ações voltadas para segmentos específicos da entidade sendo, portanto, voltados para questões mais específicas e menos abrangentes.

Os jogos podem ser Interativos (as ações de uma empresa afetam o resultado dos concorrentes, influenciando e sendo influenciada pelo meio externo) ou Isolados (as decisões afetam somente o ambiente interno da organização).

Os jogos podem ser aplicados de forma isolada ou em grupo, em conformidade com as habilidades a serem trabalhadas. O processo de tomada de decisão ou mesmo de ações isoladas é, normalmente, feito em equipes, o que deve ser estimulado por produzir resultados mais eficientes.

Principais Habilidades

Mecheln (1997b) destaca que a inserção dos jogos no ambiente educacional propicia o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- a) ações inseridas no contexto das políticas empresariais;
- b) análise de demonstrações contábeis, corroborando o processo decisório;
- c) decisões envolvendo recursos humanos e materiais;
- d) tempo de resposta condicionado à importância da decisão.

Dinâmicas Pedagógicas - O maior desafio do educador no curso de Ciências Contábeis é materializar as abordagens científicas e técnicas da Contabilidade em um ambiente pouco ou nada

estimulante em que pode se tornar a sala de aula. Este desafio é sem dúvida difícil; contudo, não impossível de ser vencido.

Como educador, preocupa-me a frustração, quase que unânime, dos educandos, no que diz respeito à frieza com que os conteúdos relativos à Contabilidade são ministrados. O famoso dueto 'Cuspe-Giz' tem sido o principal instrumento didático (se assim podemos chamá-lo) utilizado. Torna-se portanto, imprescindível e urgente, uma mudança nos rumos da forma de se fazer o ensino da Contabilidade. Podemos, então, lançar mão de outros recursos tais como:

Contabilidade Musical

A música é, sem dúvida, um poderoso instrumento no ensino da Contabilidade, dado o prazer que proporciona, permitindo uma descontração por parte do educando, facultando-lhe a possibilidade de aprender por meios alternativos. Esta proposição apóia-se na constatação de que o processo de desenvolvimento da fala é estimulado também em função das cantigas de ninar, bem como das melodias experimentadas na infância.

O ensino de conteúdos contábeis por intermédio da música estimula e aperfeiçoa novos e antigos conhecimentos, na medida em que exalta a prática de algo que é novo ou que estava esquecido. O trabalho com a música pode ser feito em três etapas:

- a) leitura silenciosa da música;
- b) reprodução da música para que a melodia possa despertar o conteúdo que nela está inserido;
- c) proposição de questionamentos sobre a letra relacionando esta com o conteúdo a ser trabalhado.

Com o objetivo de exemplificar o recurso lúdico proposto para o ensino superior de Ciências Contábeis, tomemos por hipótese que determinado professor da disciplina de Sistemas de Informações Contábeis pretenda trabalhar a

importância da informação contábil nas empresas e a adequação destas informações aos usuários da informação contábil. A aula poderia ser iniciada por explanação teórica sobre o assunto e, ao final, ser permeada com uma música que desperte a importância da informação para as empresas e a utilidade da mesma para o contador dentro de um cenário de sistema de informação contábil. Sendo assim, propomos, para fins ilustrativos, a música 'Lenha', de Zeca Baleiro:

Eu não sei dizer / o que quer dizer / o que vou dizer

eu amo você / mas não sei o que / isso quer dizer

Eu não sei por que / eu temo em dizer / que amo você

se eu não sei dizer / o que quer dizer / o que vou dizer

Se eu digo pare / você não repare / no que possa parecer

se eu digo siga / o que quer que eu diga / você não vai entender

mas se eu digo venha / você traz a lenha / pro meu fogo acender

mas se eu digo venha / você traz a lenha / pro meu fogo acender

Se eu digo pare / você não repare / no que possa parecer

se eu digo siga / o que quer que eu diga / você não vai entender

mas se eu digo venha / você traz a lenha / pro meu fogo acender

mas se eu digo venha / você traz a lenha / pro meu fogo acender

mas se eu digo venha / você traz a lenha / pro meu fogo acender

mas se eu digo venha / você traz a lenha / pro meu fogo acender

Após a distribuição (etapa a) e a reprodução da música (etapa b), o professor pode iniciar questionamentos sobre o assunto sugerindo algumas considerações sobre os trechos da letra:

'Eu não sei dizer / o que quer dizer / o que vou dizer': sugere que a informação contábil não é usada de forma eficiente, dada a dificuldade que os profissi-

onais de Ciências Contábeis apresentam no processo de comunicação, tanto nos aspectos da oratória quanto na confecção de relatórios contábeis e sua destinação aos usuários da informação contábil.

'Se eu digo siga / o que quer que eu diga / você não vai entender': alude de forma coerente a importância do contador no sentido de municiar os gestores da organização no processo decisório, mostrando que uma análise equivocada de indicadores de liquidez, por exemplo, pode induzir a ações equivocadas.

Apresentamos apenas dois exemplos; contudo inúmeras discussões podem ser travadas em relação ao conteúdo proposto, dentro de um cenário lúdico, em que a música é instrumento auxiliar no processo da educação contábil.

Dinâmica dos objetos estranhos

Uma outra maneira de despertar o pensar contábil pode ser a utilização de objetos que, em uma análise superficial, nenhuma relação apresentam com a Contabilidade. Admitimos a necessidade de demonstrar, a uma determinada turma, alguns aspectos contábeis relevantes. Após uma explanação teórica sobre a importância da Contabilidade como ciência e como esta pode ser encarada em seus vários aspectos, proponha a seguinte dinâmica:

- a) coloque sobre uma mesa um recipiente transparente cheio de água;
- b) disponha de forma aleatória os seguintes objetos: uma mamadeira com furos no fundo, um giz, uma bola de isopor e uma esponja;
- c) solicite que quatro alunos venham, espontaneamente, à frente da sala e cada um pegue um dos objetos apresentados;
- d) peça que cada um coloque os objetos escolhidos dentro do recipiente e observe o comportamento destes no líquido; (Note que, à medida que a dinâmica ocorre, os demais alunos devem estar atentos às diversas partes da mesma).

e) após um breve espaço de tempo, peça que cada um retire seu objeto do líquido e analise o resultado da experiência.

Conclusões: deverão surgir colocações interessantes e o educador, como mediador do processo, deve sugerir – caso as análises desejadas não surjam espontaneamente – as seguintes observações:

– A água deve ser encarada como a Contabilidade propriamente dita e, como a água, ela deve ser sempre transparente, pura e cristalina, podendo ainda serem ressaltados os aspectos éticos e de transparência na administração das empresas.

– O recipiente pode ser comparado aos aspectos científicos da Contabilidade e às diversas correntes do pensamento contabilístico, que tornaram possível a Contabilidade moderna que hoje conhecemos.

– A mamadeira furada pode ser comparada ao profissional de Contabilidade que ‘entra de cabeça’ no conhecimento contábil mas, ao fim do processo, sai sempre vazio.

– A bola de isopor representa o profissional de Contabilidade que nunca se aprofunda em assunto nenhum, fica sempre na superfície do conhecimento, literalmente boiando...

– O giz, se corretamente observado, estará encharcado pelo líquido. Em um primeiro momento, poderão surgir considerações de que é uma excelente metáfora para um profissional ideal, visto que ele absorveu o conteúdo proposto. Contudo o educador deve derrubar esta consideração mencionando que nada adianta absorver conteúdo se este não puder se exteriorizar, isto é, a Contabilidade deve entrar em nós, mas, com a mesma intensidade com que entra, deve sair em forma de produção científica.

– Finalmente a esponja (esta deve ser direcionada pelo educador a ficar por último, propositadamente) será objeto de análise. Peça ao aluno que a escolheu

que a aperte e chame a atenção dos demais de que, por mais que se aperte a esponja, sempre ela expelirá um pouco de líquido, aludindo a idéia de que o verdadeiro profissional de Contabilidade deve ser capaz de absorver conhecimentos, mas, sempre que solicitado ou necessário, deve ter o que compartilhar, destacando ainda que o conhecimento sempre se renova na medida em que a esponja sempre será capaz de absorver novas porções do líquido.

Novamente os aspectos trabalhados na dinâmica são meras sugestões, ficando ao encargo do educador e dos educandos novas considerações e novas abstrações sobre quaisquer temas que se mostrem compatíveis com o propósito da dinâmica.

Teoria Contábil e Cata Ventos...

Dando sequência a algumas considerações de como o lúdico e o inusitado podem ser utilizados como ferramenta de ensino da Contabilidade, propomos um cenário em que se pretende ensinar relativamente sobre as doutrinas contábeis e sua importância evolutiva para a Contabilidade moderna. Após a aula expositiva em que foram trabalhados os aspectos relativos às correntes Contismo, passando pelo Personalismo, Neocontismo, Controlismo, Aziendalismo até o Patrimonialismo, certamente surgirão questionamentos sobre as forças e as fraquezas de cada pensamento; neste momento, proponha a seguinte dinâmica:

a) desenhe um triângulo e pergunte aos alunos o que eles estão vendo; certamente a resposta será: ‘um triângulo’;

b) disponha cinco (perfazendo o total de seis) outros triângulos de forma circular, com os vértices voltados para um ponto central, estando este ponto apoiado por uma haste vertical, e repita a pergunta. A forma do desenho (se bem feito) remeterá à idéia de um cata-vento;

c) em cada um dos seis triângulos, escreva o nome de uma das Correntes

do Pensamento Contabilístico; no ponto central escreva Contabilidade, na haste, o nome Ciência e abra a palavra ao grupo para novos questionamentos;

d) após comentários adjacentes pergunte o que faz um cata-vento. A resposta será: ‘girar!’ Nesse momento chegamos ao ponto culminante da aula, em que o educador dirá que está faltando o vento e, alegoricamente, ao que este vento poderá ser comparado. Como sugestão podemos colocar a palavra Motivação que, em minha experiência como educando e como educador, é o ingrediente que, de um modo geral, falta a nós, profissionais da Contabilidade.

Naturalmente surgirão comentários relativos à dificuldade de manter-se motivado, considerando a extensa jornada de trabalho associada ao estudo, a fragilidade de algumas abordagens educacionais, a decepção com este ou com aquele professor, com a escola; enfim, serão apresentados um sem-número de ‘argumentos’ para justificar a falta de motivação.

Neste momento, coloque as seguintes alternativas:

a) caso não haja o ‘vento da motivação’, corra segurando o cata-vento e ele irá girar. A contra-argumentação será: ‘Se não tenho o tal vento da motivação, com que entusiasmo correr?’;

b) derrube este argumento dizendo que você pode soprar e desta forma produzir ‘vento’. A contra-argumentação será: ‘Estou tão desmotivado que não tenho sequer força ou interesse para soprar’;

c) diga a seu educando que, no caso de nenhuma das sugestões anteriores ser exequível, você está ali exatamente para produzir ‘vento’ quando este faltar e faça o fechamento da aula sobre a teoria da Contabilidade dizendo que, para a produção de uma Contabilidade verdadeiramente moderna, é preciso a combinação de todas as contribuições à Contabilidade (neste caso, as doutrinas) e que, para entender a Contabilidade como

FIGURA 2 – Representação metafórica – Teoria da Contabilidade



Fonte: adaptação do autor.

ciência, é indispensável o componente Motivacional.

Indubitavelmente, outras abordagens lúdicas poderão ser usadas e conteúdos diversificados poderão ser trabalhados.

Caleidoscópio contábil: da Inglaterra à Grécia em um girar de espelhos. Considerações conclusivas

No início do texto, relacionamos nossas preocupações com o ensino superior de Contabilidade com a figura de um caleidoscópio, que possibilita que uma combinação de vitrais coloridos e espelhos formem figuras diferenciadas à medida que o objeto é girado. Neste sentido, a versabilidade do corpo docente exige uma dinâmica igualmente diversificada, lançando olhares sobre o ensino, a educação e a formação dos futuros contadores, com uma abordagem flexível e adaptável às suas necessidades, levando-se em consideração suas particularidades e expectativas.

Concluimos que cada vez mais é necessário lançar mão de recursos outrora imagináveis na formação dos contadores, visto que o ambiente empresarial no qual irão atuar é um ambiente de mudança e de informações e, como tal,

exige profissionais cada vez mais adaptados a esta realidade.

Sendo assim, ressaltamos a importância do lúdico e das metáforas no ensino superior de Ciências Contábeis, objetivando materializar os conceitos técnicos e as teorias contábeis, os quais se traduzem em ferramenta que possibilita fazer do conhecimento contabilístico algo além do frio tecnicismo.

Corroborando com estas expectativas, o Construtivismo merece de nós reflexões e avaliações sobre sua aplicação na sala de aula e as contribuições que este pode proporcionar para uma educação de qualidade, haja vista que vai além do aprender pela repetição, extrapola o 'ensinar a fazer' e propõe o tão desejado 'ensinar a criar'.

Da Inglaterra (berço do caleidoscópio) convém voltarmos nossos olhares para a antiga Grécia – onde surgiu a terminologia pedagogo – resgatando as origens da função de educador que, além da formação puramente técnica, preocupa-se com a formação moral e intelectual do educando. Este antigo pedagogo precisa ser o mais rapidamente possível resgatado, sob pena de fazermos da Contabilidade um instrumento de técnica subutilizando, ou mesmo anulando, sua capacidade de agente de transformação social.

Voltemos a Grécia já! Sejamos mais que contadores, tornemo-nos pedagogos na arte de ensinar a fazer e a criar uma Contabilidade moderna, sem jamais deixarmos nossos educandos com aquela terrível sensação de que estamos 'falando grego'...

O aluno não vai à escola para tirar notas, vai para aprender, para crescer, para se desenvolver. (FREINET, educador francês)



Rarysion de Sá Barreto Neto – Bacharel em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário Newton Paiva; Pós-Graduação MBA Executivo em Tecnologia da Informação pelo Centro Universitário UNIA;

Mestrando em Administração pela Faculdade de Pedro Leopoldo; Professor do Centro Universitário Newton Paiva na disciplina de Laboratório de Práticas Contábeis e Iniciação à Ciência Contábil. rarysion@metalin.com.br

REFERÊNCIAS

- CHARNEY, R. Aprender com a resolução de problemas. IN: PARRA, Celso. SAZ Irma (Ed.) *Dinâmica do Motociclismo: reflexões psicopedagógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- HADDY, Regina Célia Cazaux. *Curso de árabe geral* 7. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2001.
- EMALDI, A. Caleidoscópio: Tradução e adaptação de Antônio Carlos Gomes de Costa. *Blogocientista*, jul. 1818. Disponível em: <http://www.blogocientista.com.br/1818em/historico.html>. Acesso em 5 jun. 2004.
- WECHER, Pedro J. von. *Sistema de apoio ao planejamento dos recursos do jogo de empresa-EPS*. Dissertação (Mestrado) - EPS/UFSC, 1997.
- PAGET, J. *Lógica e conhecimento científico*. Porto: Graziatão, 1980.
- _____. *Problemas de psicologia genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- POZO, J. I. *Teorias cognitivas da aprendizagem*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- QUEIROZ, G. P. C. *Professores antigos e modernos de física no Ensino Médio*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- ROCHA, Luiz A. de G. *Jogos de empresa: desenvolvimento de um modelo para aplicação no ensino de cursos industriais*. Dissertação (Mestrado) - EPS/UFSC, 1997.
- SERRA, Edgar V. M. *Uma proposta para o ensino de mercado de capitais na abordagem de jogos de empresa*. Dissertação (Mestrado) - EPS/UFSC, 1998.
- SKINNER, B. F. *Science and human behavior*. New York: The Free Press, 1953.
- TORO, J.B. *Códigos de modernidade: tradução e adaptação de Antônio Carlos Gomes de Costa*. Columbia: Fundação Maurício Strosser Sabatini, Fundação Social, 1997. (Páster)
- NOTAS
- (1) Jhon PAGET, psicólogo suízo.
- (2) LEV S. VYGOTSKY, professor e pesquisador bielorrusso.
- (3) HERÁCLITO de Éfeso, filósofo pré-socrático. Século VI a.C.